

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**

UNIRIO

ANA PAULA LOPES MARTINS

**A SUPER VALORIZAÇÃO DO CORPO ^{NA} DA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA SOBRE O VIÉS DA EDUCAÇÃO**

RIO DE JANEIRO

JULHO/2006

ANA PAULA LOPES MARTINS

A SUPER VALORIZAÇÃO DO CORPO ^{NA} ~~DA~~ SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA SOBRE ~~O~~ VIÉS DA EDUCAÇÃO

Monografia apresentada à Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
parciais para obtenção de grau em Pedagogia

Professora Orientadora: Valéria Wilke

RIO DE JANEIRO
JULHO/2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a Deus, que tem sido fiel e tem me sustentado a cada dia.

À minha mãe Ângela e à minha avó Dora que foram incentivo e esteio nos diversos momentos ao longo do caminho.

À minha orientadora, Professora Valéria Wilke, pela paciência, empenho, confiança e amizade.

Agradeço também à minha grande amiga Ingrid Melo pela paciência, apoio e incentivo permanente para a realização deste trabalho.

Agradeço a minha amiga da Faculdade Danielle Cendon, pelas madrugadas que passamos estudando.

Agradeço ao meu amigo Fabio Feliciano, que me ajudou com inúmeras bibliografias, pelo incentivo, mesmo distante fisicamente, mas sempre evidente.

Dedico este trabalho

**À todos os que me ajudaram e contribuíram
para a realização deste e também a todos os
profissionais da educação que labutam a cada
dia por um mundo melhor.**

Um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolha como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal.

[Freud – O Futuro de uma Ilusão]

RESUMO

No mundo contemporâneo, o corpo tem sido tratado sob diferentes perspectivas, que vão desde a totalidade corporal até a percepção de que o corpo é complexo e sistêmico. Tais visões sobre o corpo variam em função da época e do momento histórico. Observa-se diferentes maneira de lidar e cuidar do corpo no decorrer da história. As instituições escolares ao tratar das questões sobre o corpo sofrem influência da mídia, assim reproduzindo padrões e modelos corporais que servem aos propósitos do sistema capitalista, tornando os corpos dóceis, úteis e perfeitos, quando sabemos que o corpo é mais que uma bela forma, ele é um todo integrado de massa, órgãos e experiências vividas e apreendidas durante a vida, que deve ser relevante para o professor dentro da sala de aula. O presente trabalho procura influenciar de maneira positiva os professores a fim de tratar o corpo como algo importante, mas não com exageros, pois a sociedade contemporânea tende a colocar a estética corporal acima do intelecto.

Paianias - chare.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – CORPO E NATUREZA: POR UMA RELAÇÃO DESNATURALIZADA.....	10
1.1 - Corpo e sua historicidade.....	13
1.2 - Corpo como construção cultural.....	16
1.3 - Corpo, mídia e capitalismo.....	21
CAPÍTULO 2 – MÍDIA, CORPO E EDUCAÇÃO.....	26
2.1 – A erotização dos corpos infantis na mídia e seus reflexos na educação.....	32
2.2 – A questão do corpo nos PCN (<i>Parâmetros Curriculares Nacionais</i>).....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

No quarto período curso de Pedagogia, nesta Universidade, tive uma disciplina chamada Epistemologia com a professora Valéria Wilke, que me apresentou o filósofo Michel Foucault e suas idéias sobre o corpo. A partir daí comecei a indagar e me preocupar como era trabalhado e visto pelos professores a questão do corpo, porque hoje temos a “cultura do corpo”, ou do “físico” onde o corpo é super valorizado até em detrimento do intelecto.

A crescente preocupação a respeito do corpo na contemporaneidade me despertou interesse suficiente para estudar como o corpo é lido e trabalhado pela escola. Percebe-se que os estudos sobre o corpo anteriormente, estavam concentrados no domínio da Biologia (e de áreas afins, como a Química e a Medicina). Porém observa-se principalmente a partir do século XX, que sociólogos, antropólogos e historiadores têm se preocupado em investigar o corpo como revelador da vida social, de culturas, de normas e de hábitos. Dessas reflexões, interessam-me em especial aquelas que defendem que o corpo é uma construção e não somente uma evidência biológica e natural. A questão do corpo como construção pode ser avaliada nas discussões sobre as noções de técnicas do corpo (Mauss, 1974), do corpo como objeto de consumo (Baudrillard, 1995) e do corpo como inscrição histórica dos acontecimentos (Foucault, 1987, Sant’Anna, 2000). Acredito que essas concepções me fornecem subsídios para falar do corpo também como construção discursiva, que necessita ser amplamente discutida a forma como trabalhá-lo dentro da sala de aula.

O corpo é o primeiro instrumento de pensamento da criança no seu diálogo com o mundo, trata-se do processo de simbolização do corpo. O corpo se constrói não apenas fisicamente, mas desde a concepção do encontro de dois corpos em movimento de estabelecimento de vínculo.

A industrialização e a ciência necessitam hoje de homens e mulheres submissos, tendo um corpo saudável para melhor produzir e adaptado aos padrões de beleza para melhor consumir. E como consequência temos a proliferação de academias de ginástica, centros de estética, Spas, desenvolvimento de tecnologias específicas como as inúmeras modalidades de ginástica, revistas de “boa forma”, uso de substâncias químicas (drogas), além da procura por tatuagens e piercings, igualmente ao lado das tradicionais jóias e bijuterias. Em suma, no palco social, a primazia do conteúdo deu lugar à da forma.

Há uma corrida em direção ao “culto do corpo”, e movidos pelo desejo de manter uma aparência condizente com os apelos da mídia e vale tudo, todos os sacrifícios em nome da “boa forma”. As pessoas, às vezes, se submetem a um verdadeiro massacre físico e psicológico para alcançar a forma tão sonhada. Parece que hoje o mais importante é “ter um corpo” e não “ser alguém” com um corpo.

Como isso é possível? e os resultados são reais?

O objetivo deste trabalho é influenciar positivamente os professores no sentido de melhorar a qualidade de vida, através de uma reflexão mais intensa a respeito da valorização do corpo pela criança. Que os professores entendam como é importante mostrar como se deve favorecer à criança possibilidades da “cultura corporal”, das atividades cotidianas e das posturas e expressões corporais intencionais, através da descoberta e da familiarização com o corpo, e não ser escravo do próprio corpo a fim de estar sempre na “moda” e atendendo às expectativas da mídia que dita como deve ser o físico.

O primeiro capítulo do presente trabalho procura esclarecer que o corpo não é simplesmente um conjunto de ossos e músculos, que cresce, desenvolve e morre. O corpo é todo um conjunto de massa, órgãos e experiências vividas e apreendidas durante a vida. Sendo assim, ele precisa ser tratado com um todo. Não é possível pensar o corpo separado de uma mente, e vice-versa, portanto, ele será construído e constituído como tal a partir do meio social, da interação com outros corpos e outras experiências, sendo ele uma construção histórica e cultural. Pode-se observar que o corpo tem uma história, que a visão de percepção do corpo muda de acordo com os padrões vigentes em cada época, de acordo com os valores culturais de cada época.

O segundo capítulo trata da questão do corpo junto à mídia, sua influência e até onde pode ser positivo ou negativo a entrada da mídia, principalmente a partir do século XX, na educação. Atualmente observam-se diversas pedagogias presentes no cotidiano, assim, não somente a escola é formadora de opinião, na realidade a mídia como propagandas, novelas e desenhos animados se mostra muito mais sedutor e eficaz para as crianças, pois as crianças passam muito mais tempo na frente da tv, do que dentro da sala de aula. Os corpos tidos como belos são expostos em propagandas de automóveis, cervejas, brinquedos a fim de associar a imagem do produto ao corpo perfeito. Ainda neste capítulo, procuro discutir a forma que mídia contribui para a formação de meninos e meninas. As crianças hoje estão muito preocupadas em ser magras, bonitas e esbeltas, enfim, em ter um corpo perfeito. Esses tipos de preocupações estão surgindo cada vez

mais cedo na mente das crianças. Existem propagandas voltadas exclusivamente para o público infantil, pois estas são tidas como consumidoras em potencial. Neste mesmo capítulo apresento a questão do corpo de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a forma como os PCNs preconizam a educação do corpo. De acordo com os PCNs, a escola deve tratar o corpo de forma ampla, e não só como o corpo biológico e sim como um corpo histórica e culturalmente construído. Nele também encontra-se relação com o corpo e a sexualidade, e que esta deve ser tratada com naturalidade dentro da sala de aula.

CAPÍTULO 1 – CORPO E NATUREZA: POR UMA RELAÇÃO DESNATURALIZADA

Antes de tudo, é necessário fazer a distinção entre os conceitos de organismo, corpo e físico. O organismo refere-se à infra-estrutura biológica dos seres humanos, a nossa herança biológica, ou ao conjunto de milhares de células que constitui cada um de nós, cujo funcionamento já é codificado e herdado. Já o conceito de corpo diz respeito aos significados e sentidos que podemos atribuir a qualquer interação que se estabelece consigo mesmo, com os outros ou com os objetos. Ou seja, o corpo é o organismo atravessado por todas as experiências vividas, pela inteligência e pelo desejo. O físico como nos diz o dicionário é “as qualidades exteriores e materiais do homem”.

A partir de investigações como as de Foucault, ^(amb) hoje, aceita-se que o corpo não é algo natural e dado, e sim que ele é construído a partir do meio social ao qual está inserido. Portanto, é possível afirmar que ele é construído a partir das experiências de cada um no contexto de uma dada sociedade, sendo cada corpo único e dotado de capacidades e limitações específicas.

O processo de "fabricação" dos corpos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". Afinal, não é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas. Não é possível aceitar que é natural que a escolha dos brinquedos diferencie sobre os sexos. É de se esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero, sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes, o que não creio ser necessário. Como professoras de séries iniciais, não precisamos aceitar que os meninos são "naturalmente" mais agitados e curiosos do que as meninas. Quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "despreocupar", pois isso não é indicador de que esses alunos estão apresentando "desvios" de comportamento. Apresentando-se,

meda 45

assim, como uma forma de desnaturalizar o que é tido como natural.

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são seguramente constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos alunos dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentos, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela freqüentemente carrega e institui.

Tal "naturalidade" tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então, que eles parecem "precisar" de mais espaço do que elas, e os meninos parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos do "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas".

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos sua razão de existir, suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos, mas que servem a um mesmo propósito, sendo útil para produzir e para consumir. (Referências)

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentos aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados portanto, não são concebidos do mesmo modo por todas as pessoas.

Ao longo da história, as diferentes comunidades (e no interior delas, os diferentes grupos sociais) construíram modos também diversos de conceber e lidar com o tempo e o espaço: valorizaram de diferentes formas o tempo do trabalho e o tempo do ócio; o espaço da casa ou o da rua; delimitaram os lugares permitidos e os proibidos (e determinaram os sujeitos que podiam ou não transitar por eles) decidiram qual o tempo que importava (o da vida ou o depois dela); apontaram as formas adequadas para cada pessoa ocupar (ou gastar) o tempo... Através de muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas; tornam-se quase "naturais" (ainda que sejam "fatos culturais"). A escola é parte importante desse processo, pois é na escola que a criança aprende a hora de estudar, brincar, comer e aprende também os espaços que devem ocupar dentro da sala de aula. (Referências)

Por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades "escolarizadas" gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um conheça os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também luzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens, reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente. (Referências)

Os mais antigos manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino e menina que "passara pelos bancos escolares", nesses manuais, a postura *reta* transcendia a mera disposição física dos membros, cabeça ou tronco: ela devia ser um indicativo do caráter e das virtudes do educando (Louro, 1995). As escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens "prendadas", capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura. As marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos. Por vezes isso se fazia de formas tão densas e particulares que

permitia^m a partir de mínimos traços, de pequenos indícios, de um jeito de andar ou falar dizer, quase com segurança, que determinada jovem foi normalista, que um rapaz cursou o colégio militar ou que um outro estudou num seminário. Certamente as recomendações dos antigos manuais foram superadas, os repetidos treinamentos talvez já não existam. No entanto, hoje, outras regras, teorias e conselhos (científicos, ergométricos, psicológicos) são produzidos em adequação às novas condições, aos novos instrumentos e práticas educativas. Sob novas formas, a escola continua imprimindo sua "marca distintiva" sobre os sujeitos. *Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes.*

*Infelizmente
a vida
existe.*

Todo o processo a que submetem o aluno faz parte do condicionamento do corpo que é incorporado e naturalizado no decorrer dos anos letivos. Muitos professores não atentam para esse fato e continuam reproduzindo práticas antigas sem refletir sobre o treinamento que aplica durante as aulas.

1.1 - Corpo e sua historicidade

Pensamos que o corpo tem apenas as leis de sua fisiologia, e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos, alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais, simultaneamente; ele cria resistências.

(FOUCAULT, 1982, p. 27)

Da Antigüidade até os dias de hoje, a concepção de corpo vem sofrendo modificações provocadas pelas próprias transformações ocorridas na sociedade. A forma de tratar e perceber o corpo tem mudado ao longo dos tempos e com isso muda também alguns comportamentos e hábitos da sociedade em geral.

O homem primitivo precisava de uma intensa participação corporal, essencialmente pelo predomínio da linguagem gestual como principal meio de expressão e por sua interação com a natureza. Os fenômenos naturais determinaram as relações sociais do homem primitivo. Nesse contexto o domínio da natureza se inseriu como base da organização social.

Não obstante, vale ressaltar que a importância corporal não era somente concebida como instrumento de sobrevivência. O esteticamente belo, a perfeição e a simetria eram considerados atributos essenciais ao corpo. Até mesmo "as relações sociais eram construídas e consolidadas pelo corpo" (GONÇALVES, 1994, p. 18). Nesse sentido, o povo grego como expoente civilizador de sua época instituiu as competições esportivas

como meio da celebração das qualidades corporais. A presença corporal doutrinava o exercício do poder: o êxito nos torneios esportivos exercia um enorme fascínio social, chegando a determinar o resultado de guerras e disputas territoriais. A esse respeito Gonçalves (1994, p.18) comenta:

Nessas sociedades eram valorizadas as qualidades corporais como força, destreza e agilidade, não somente em torneios e competições, também eram importantes para a vida militar e política. Vencer uma competição significava não somente a compreensão de uma superioridade física, mas muito mais: o reconhecimento do vencedor como um elemento superior daquela sociedade.

Nos séc. XVII e XVIII, o corpo, seus gestos e postura eram vistos como reveladores do caráter e da moral do indivíduo e por isso a sociedade exigia uma certa disciplina, um certo pudor e mistério. Para isso cobria-se o corpo, ou melhor, escondia-se o corpo, especialmente das mulheres, por meio de saias longas e armadas; modelava-se o corpo através do uso de espartilhos e aparelhos anatômicos, a fim de conseguir uma postura considerada "adequada". A maneira pela quais os libertinos e os aristocratas, nestes séculos cuidavam do seu corpo, a fim de dar-lhe a melhor aparência possível, assemelha-se à preocupação contemporânea com o corpo. A diferença é que somente a aristocracia era afetada, ao passo que atualmente esse fenômeno atinge praticamente todas as camadas da população.

Por algum tempo o "corpo belo" das mulheres era aquele corpo sem muitas formas e delineações, pois isso era sinônimo de saúde. As mulheres magras eram consideradas feias e mal tratadas. Hoje observamos uma mudança radical, os padrões de beleza se modificaram de tal modo que só as macérrimas tem espaço na mídia. A expansão do capitalismo, no século XIX, propagou a forma de produção industrial em que a instrumentalização do corpo fazia-se necessária. A padronização dos gestos e movimentos instaurou-se nas manifestações corporais. As novas tecnologias de produção em massa desencadearam um processo de homogeneização de gestos e hábitos que se estendeu as outras esferas sociais, entre elas a educação do corpo, que passou a identificar-se não só com as técnicas, mas também com os interesses da produção. A evolução da sociedade industrial propiciou um elevado desenvolvimento técnico-científico. As novas possibilidades tecnológicas propiciaram a elite burguesa moderna, um incremento de técnicas e práticas sobre o corpo. O aumento da expectativa de vida, as novas formas de locomoção e comunicação expandiram as formas de interação e realização de atividades corporais.

No fim do século XIX, a introdução das práticas de esportes permitiu que se contestassem as formas rígidas da ginástica, e, no início da década de 1920, as mulheres já começavam a exibir os cabelos curtos e a mostrar as pernas vestindo minissaias, o período emblemático de luta pela liberação do corpo começa, para muitos estudiosos, nos anos 1970, sobretudo a partir das conquistas das mulheres no que diz respeito ao reconhecimento de seu espaço e de seus direitos na sociedade. Entretanto, segundo o sociólogo Jean Baudrillard, ⁽¹⁹⁹⁵⁾ após séculos de puritanismo, a “redescoberta” do corpo sob o signo da liberação física e sexual é apenas um mito. Para ele, o corpo é “reapropriado” em função de objetivos capitalistas e só se investe nele com o intuito de que ele dê frutos.

No século XX, o estatuto do corpo continuava a depender do meio social. Os trabalhadores valorizavam a força física, o vigor e a resistência; em contraposição, a burguesia mantinha uma posição mais estética, por tanto a aparência física tinha uma representação social muito importante, porém não se mostrava o corpo. Nota-se uma mudança no período entre guerra (1918 – 1938), onde pôde-se observar a exposição do corpo. Este período representa para a burguesia uma época de liberação do corpo em que é travada uma outra relação entre o físico e as roupas. Assim, as roupas não mais escondem os corpos, o que se evidencia no vestuário feminino. Saem as cintas e corpetes e entram em cena as calcinhas e sutiãs. As roupas se encurtam e as pernas são valorizadas pelas meias.

A concepção de corpo atual é fruto de muitas transformações sofridas pela nossa sociedade. Hoje em dia, o corpo é objeto de culto, de prazer; há uma busca incessante pela saúde e estética. Mostra-se mais o corpo por meio de roupas curtas, confortáveis, enfim busca-se a liberdade da expressão corporal, muito embora esse corpo ainda sofra imposições da sociedade.

Hoje com as marcas da contemporaneidade gravadas no corpo como body piercings, tatuagens e acessórios diversos e também com o corpo ^o / amostra, quase despido, é utilizado para seduzir e atrair toda atenção. Nessa sociedade fica evidente que a pessoa é avaliada e aceita por possuir um corpo bonito, sarado e saudável e bem adornado, ou seja, o copo perfeito. Atualmente valoriza-se muito mais a forma, a aparência do que o conhecimento e as experiências adquiridas durante a vida, ou seja, somente tem valor o que pode ser percebido visualmente.

1.2 - Corpo como construção cultural

O conceito de corpo diz respeito aos significados e sentidos que são atribuídos a qualquer interação estabelecida pelo corpo com os outros ou com os objetos. Ou seja, o corpo é o organismo (estrutura biológica) atravessado por todas as expectativas culturais vividas pela inteligência e pelo desejo. Ele pode ser modificado e aperfeiçoado; suas necessidades, produzidas e organizadas de diferentes maneiras. Ele é maleável, flexível, formado por diversos hábitos, valores e práticas, por isso pode-se dizer que é produzido culturalmente. Para Mauss,⁽¹⁹³⁰⁾ tem valor crucial o estudo da maneira segundo cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo. É por intermédio da educação das necessidades e das atividades corporais, que a estrutura social imprime sua marca sobre os indivíduos, portanto, a escola tem papel privilegiado quando se trata de produzir corpos úteis.

O corpo é entendido aqui, como um todo integrado de sistemas interligados, com emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, bem como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Deve-se considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, e a influência exercida pelas instituintes e mantenedoras dos modelos presentes na sociedade. A partir disso pode-se concluir que o corpo traz em si as marcas da vida social que expressam valores de grupos e culturas. Segundo Bourdieu,⁽¹⁹⁹⁹⁾ o corpo funciona como lugar de categorização social, como superfície de inscrição distinta. Por isso é possível observar as marcações operadas pelo vestuário ou pelos modos de apresentação de um corpo, a fixação dos corpos dos desportistas e os mecanismos de estigmatização de um corpo deficiente. Portanto, o corpo é uma construção concreta, moldável conforme os valores e a cultura provenientes da sociedade onde está inserido, pois o mundo apresenta realidades múltiplas, isto é, há zonas distintas de significação, e o corpo será percebido a partir dos significados em cada sociedade. Cada época, cada sociedade e cada cultura age sobre o corpo determinando-o. Assim, surgem os “modelos corporais”: padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura, etc. que dão “segurança” às pessoas, de maneira que elas tenham “moldes” para se construírem como homens e mulheres.

O ambiente é criado pelo organismo vivo e ambos se desenvolvem mutuamente na medida que o organismo não sobrevive sem um ambiente, e o ambiente não faz sentido de existir sem nenhum organismo vivo. Quando a informação chega ao organismo, ela é modificada e reelaborada de acordo com as experiências já vividas por

este corpo e, por isso, as mesmas sensações são experimentadas de diversas formas, como já afirmou Greiner (2005, p. 45)

[...] não é a cultura que influencia o corpo ou o corpo que influencia a cultura. Trata-se de uma espécie de ‘contaminação’ simultânea entre dois sistemas signos onde ambos trocam informações de modo a evoluir em processo juntos.

O corpo biológico não é visto de forma separada do corpo cultural, pois um inexistente sem o outro. Há teorias que provam que os corpos são inseparáveis e atuam juntos no mundo. (EDELMAN, 2000, p. 42). A informação que chega ao corpo biológico, não chega puro, ela é influenciada, modificada e elaborada de acordo com o mundo externo, seus valores e práticas culturais.

Michel Foucault é sem dúvida um autor cuja contribuição é inegável quando se trata de tematizar o corpo afirmando, sobretudo, serem os nossos gestos construções culturais historicamente datadas. Ao analisar determinadas instituições como escola, fábricas, hospitais, prisões ele aborda não apenas o corpo, mas também o poder que investe no corpo diferentes disciplinas de forma a docilizá-lo, a conhecê-lo e encontrá-lo no detalhe. Seu objeto de investigação não está centrado no corpo, mas nas práticas sociais, nas experiências e nas relações que o produzem, num determinado tempo e local. De uma forma específica, para Foucault o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera apenas pela ideologia ou pela consciência, mas tem seu começo no corpo com o corpo. Como o autor argumenta, “foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica.” (FOUCAULT, 1992, p. 77).

^(1992?) Segundo Foucault, o poder em todas as sociedades está fundamentalmente ligado ao corpo, uma vez que é sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. É dócil o corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado, aperfeiçoado em função do poder. Analisando o poder nos séculos XVII, XVIII e XIX, Foucault propõe que a modernidade seja caracterizada por uma “anátomo-política do corpo” que tem a ver com as disciplinas e com os procedimentos do poder que, a partir do “corpo como máquina”, incumbem-se de seu adestramento, ampliação de aptidões, extorsão de suas forças, crescimento paralelo de sua docilidade na sua utilidade na sua integração dentro de sistemas de controle eficazes e econômicos.

As análises de Foucault revelam, por fim, ser possível e necessário problematizar o corpo, ou seja, estranhá-lo, colocá-lo em questão. Problematizar por exemplo os significados e a valorização que determinadas culturas atribuem a alguns

corpos, as práticas narrativas a eles associados, as hierarquias que a partir da sua anatomia se estabelecem. Enfim, suas análises anunciam serem infinitas as histórias sobre os corpos ainda que seja absoluta uma certeza: o corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica.

Para conhecer os sentidos construídos para o corpo humano no presente, é preciso passar pela história e ver os diferentes modelos que determinaram como foram tratados os corpos, a sexualidade e os gêneros. É imperativo percorrer histórias, procurar mediações entre passado e presente, identificar vestígios e rupturas, desconstruir representações, desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados, em diferentes espaços e tempo, para que compreendamos o que é hoje designado como sendo um corpo desejável e aceitável.

Esse corpo construído socialmente e culturalmente tem sua base na estrutura social, que é edificada sobre a gama de conhecimentos de que se dispõe numa dada sociedade. Tal estrutura permite perceber o outro com o qual interagimos sempre a partir de determinadas classificações que o colocam dentro de certos “tipos”, conclusão feita a partir da afirmação de Greinner:

“Apreendemos os outros a partir desses esquemas de tipos existentes em nossa sociedade, esquemas estes que padronizam nossas interações, contribuindo para a estabilidade da realidade cotidiana.” (GREINNER, 2005, p. 39)

A construção da identidade pessoal é, pois, ao mesmo tempo histórica e cultural e se constitui através da interação entre os homens num processo de espelhamento e diferenciação dentro de um contexto de significações sociais, onde o corpo enquanto suporte físico-afetivo-cultural tem papel fundamental. Pensar o corpo como algo produzido historicamente na e pela sociedade é uma necessidade que se faz para melhor compreendermos as mudanças sofridas ao longo dos tempos. Assim é possível observar, explicar e classificar as diversas maneiras de lidar com o corpo. O corpo é variável de acordo com o desenvolvimento tecnológico e científico de cada cultura bem como suas leis, códigos morais e o significado atribuído a ele. A partir dessa reflexão não se pode pensar o corpo como sendo apenas um corpo, ou mesmo como um conjunto de signos que compõem sua produção, porque ele é também o seu entorno, como no diz Goellner (2003, p. 158).

“Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os

vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos [...].”

Assim o corpo não é definido apenas pelas semelhanças biológicas, mas também pelos significados culturais e sociais que a ele são atribuídos. O processo social de produção dos corpos implica prepará-los, moldá-los visando seu aproveitamento pela ordem social, que ao imprimir uma marca social aos corpos, termina por caracterizá-los, classificá-los e distingui-los.

Além dessas considerações é possível afirmar que o corpo é construído através da linguagem, pois através desta pode-se nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe, ela própria cria o existente e com relação ao corpo, a linguagem tem poder de instituir, por exemplo, o que é considerado uns corpos belos, jovens e saudáveis representações estas que não são universais nem mesmo fixas. Sempre temporárias e inconstantes, variam de acordo com o lugar e tempo, onde o corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido. E também onde se educa, porque diferentes marcas se incorporam ao corpo, a partir de distintos processos educativos presentes na escola, mas não apenas nela, pois sempre há várias pedagogias em circulação, tais como, filmes, músicas, revistas e livros, imagens propagandas, que são também locais pedagógicos que estão todo tempo a nos dizer algo, sejam pelo que exibem ou pelo que ocultam.

Ao longo do processo histórico é possível observar as existências diferentes concepções de um belo corpo, jovem e saudável, que, como foi afirmado anteriormente, não são compostas por representações universais ou mesmo fixas. Elas se modificam de acordo com os discursos vigentes na época e no local onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido.

Na contemporaneidade o corpo adquiriu tamanha importância que é impossível enumerar a quantidade de produtos e serviços oferecidos para o corpo. Produtos que servem para a sua construção e cuidados, até mesmo para o controle do corpo. Mesmo referências transitórias têm poder de excluir, inferiorizar e ocultar determinados corpos em detrimento de outros. Não é sem razão que um corpo jovem, produtivo, saudável e belo é o ideal perseguido por um número infinito de mulheres e homens do nosso tempo, cujos investimentos individuais demandam energia, dinheiro e responsabilidade.

A indústria da beleza, com sua crescente parcela na economia mundial, produz adornos, roupas, tatuagens, próteses, dietas, suplementos alimentares, academias,

cirurgias estéticas, medicamentos e drogas químicas que fazem parte de um sem números de saberes, produtos e práticas a investir no corpo produzindo-o, disciplinalizando-o ou ditando diariamente modelos a serem copiados e reproduzidos.

Uma das primeiras formas de disciplinalização do corpo reflete no modo de construção das escolas e fábricas, que são pensadas de maneira que seja possível vigiar os comportamentos, de acordo com Foucault (1987, p. 77) “ver sem ser visto”, que é o mesmo esquema usado nas penitenciárias. Nas escolas, a disciplina imposta ao corpo é massificadora e individualizadora. Todos se sujeitam as mesmas obrigações num determinado lugar. Por exemplo, na arte de pôr as crianças enfileiradas a disciplina individualiza os corpos, nesse conjunto de alinhamentos, cada aluno, segundo critérios estabelecidos como idade, desempenho, comportamento, ora ocupa uma fila, ora outra, ele desloca-se todo tempo numa série de posições que marcam uma hierarquia.

Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixos. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos em seguida os outros segundo a ordem das lições avançadas para o meio da sala. Cada aluno terá o seu lugar marcado e nenhum o deixará ou trocará sem a ordem do inspetor das escolas. {Será preciso fazer com que} aqueles cujos pais são negligentes e têm piolhos fiquem separados dos que são limpos e não os têm, que um escolar leviano e distraído seja colocado entre dois bem comportados e ajuizados, que o libertino ou fique sozinho ou entre dois piedosos. (FOUCAULT, 1997, p. 126)

Ver criticamente esse local na perspectiva do autor não implica desvelar sua ideologia e sim colocar outra “verdade” em seu lugar, vê-los como locais que operam com representações engendradas em relações de poder que incitam sujeitos a ser de determinada maneira, de pensar de determinado modo e consumir determinados produtos. Assim, estão implicados na produção de sujeitos normalizando seus corpos, dizendo o que é certo e errado, que comportamentos são aceitáveis ou não. Foucault afirma que essa perspectiva ressalta o caráter produtivo do poder que opera no sentido de tornar úteis os sujeitos sobre os quais o poder é exercido.

1.3 - Corpo, mídia e capitalismo

Ao discutir, em especial, o corpo na publicidade, na moda é na cultura de massa em geral, Baudrillard ⁽¹⁹⁸⁵⁾ procura mostrar que as estruturas de produção e consumo induzem, nos homens, uma prática dupla, ligada a uma representação desunida (mas profundamente solidária) de seu próprio corpo: aquela do corpo como capital (que se deve gerenciar e sobre o qual se deve investir como significante de seu estatuto social) e aquela do corpo como fetiche ou objeto de consumo (que suscita uma série de práticas de consumo que respondem a imperativos sociais).

Baudrillard fala de *corpo funcional*, o qual não é nem carne, como na visão religiosa, nem força de trabalho, como na lógica industrial, mas é retomado em sua materialidade (ou em seu “ideal” visível) como objeto de culto narcísico ou elemento de tática e de ritual social, sendo seus temas principais a beleza e o erotismo que, inseparáveis, ao instituírem uma nova ética em relação ao corpo, orientam sua redescoberta e seu consumo. Ele atribui ao corpo o estatuto de fato de cultura, uma vez que, em qualquer cultura, o modo de organização da relação ao corpo reflete o modo de organização da relação às coisas e das relações sociais. Além disso, reconhece uma *homologia dos corpos e dos objetos*, relacionada aos mecanismos profundos do que chama de consumo dirigido: da higiene à maquiagem, passando pelo bronzamento, pelo esporte e pelas múltiplas “liberações” da moda, a redescoberta do corpo passa, em primeiro lugar, pelos objetos, o que sugere que a única pulsão verdadeiramente liberada seja a pulsão de compra (ou de consumo).

Descartes radicalizou a separação corpo e alma para livrar a ciência das amarras da igreja (ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 104). O dualismo cartesiano vem com uma intenção: se por um lado, o que é materializado pode ser comprovado e toda a realidade é explicável e tem um funcionamento linear, mecânico, por outro lado, o que é abstrato, subjetivo e relativo à alma cabe à igreja. Como consequência desse processo de modernização, o homem é materializado em sua imagem, trato e existência. A *maquinização dos corpos é superdimensionada pelo contexto social, pela indústria cultural e pela mercadorização dos corpos*. Nossos corpos, como itens de prateleira, são mercadorizados em diferentes espaços e para diferentes finalidades. Embalados pela indústria do corpo, não nos damos conta do quanto somos corpo-objeto.

Conforme sugere Baudrillard, se, numa ética tradicional, o corpo servia o indivíduo, na ética moderna é o indivíduo que deve se colocar a serviço de seu corpo: é preciso, diz ele, que o indivíduo se considere como objeto, como o mais belo dos objetos,

como o mais precioso material de troca, para que possa instaurar, no nível do corpo desconstruído, da sexualidade desconstruída, um processo econômico rentável. Assim, é possível verificar como o corpo está estreitamente associado às finalidades da produção como suporte econômico e como estratégia de controle social. Assim como os shoppings centers são os templos do consumo, as academias de ginástica e musculação são os templos contemporâneos de celebração do domínio e do sacrifício do corpo. Não é por acaso que muitas academias instalam-se justamente nos shoppings centers. Elas exigem vocabulário, hierarquia, roupagem, gestos, sons, gostos, olhares e odores muito próprios, possuem também acessórios indispensáveis, de onde nada pode escapar desconhecido: as balanças e os espelhos, que se tornaram fundamentais numa sociedade na qual a imagem atingiu insuspeitada importância. O corpo aceitável é aquele livre da gordura, da flacidez e da feiúra. Não é à toa que o quesito boa aparência se torna um distintivo importante no mercado, que começa a excluir os obesos, vítimas preferenciais da fúria persecutória dos modelos idealizados ou aceitáveis de corpo. São esses modelos perfeitos, que aparecem nas propagandas associando o modelo ao produto.

As relações que podem ser estabelecidas entre a imagem apresentada em um anúncio publicitário e as possíveis alterações no modo de comportamentos e valores não ocorrem de forma direta e automática. Segundo Judith Williamson (1994), nós somos levados a fazê-las a partir de sistemas de referências, que trazem seu sentido de fora da publicidade, ou seja, da vida social. Significados estabelecidos entre o que é mostrado e o que se vê são construídos a partir de sistemas de referentes que existem na vida social, a partir dos discursos que circulam na sociedade e nos constituem. A vida social é um referente constituído pelos discursos, produzido pelos significados e são estes significados que vão tecendo uma rede através da qual damos sentido às imagens que chegam à nossa visão.

Com o objetivo primeiro de vender algo, a publicidade dispõe das mais diversas estratégias para apresentar um produto, utilizando animais, crianças, mulheres, homens ou qualquer outro vínculo que possa estabelecer com o produto uma relação de credibilidade, prazer ou necessidade. Mas estas são características mais imediatas que não demandam muito esforço e podem ser identificadas ao primeiro olhar. Uma leitura crítica, ao contrário, requer um processo de estranhamento, conceito tão caro à antropologia; tal leitura invoca um olhar ativo, através do qual as imagens e as representações que elas carregam podem ser

contestadas e questionadas em função dos significados então presentes.

Como espaço de produção de significação, a publicidade também é lugar em que são representados códigos culturais, em que significados são trocados. Cada elemento que compõe um anúncio publicitário é um signo que nos permite "ler" a imagem de acordo com os códigos culturais que carregamos ou construir novos. Quando falamos em significados, estamos falando de quaisquer objetos, imagens, conhecimentos que se tomam culturais quando, a partir de nossas práticas sociais, lhes damos sentido. Quaisquer objetos ou eventos tornam-se parte da cultura quando os representamos através da linguagem (e linguagem aqui não diz respeito apenas a signos linguísticos ~~mas~~ a qualquer sistema de representação como sons, imagens, gestos e costumes). A capacidade ~~que~~ do ser humano em dar sentido está amparada em mapas de significados que compartilhamos culturalmente e por meio dos quais representações são construídas (Hall, 1997).

Nesse sentido, os anúncios publicitários têm uma estrutura simbólica que se destina a nos convencer da importância e da necessidade que determinado produto pode ter em nossas vidas. É através da publicidade que o produto massificado, produzido em larga escala, é revestido de personalidade, humanidade sendo associado com os sujeitos. A publicidade utiliza-se um discurso de particularidade que leva o consumidor ~~leva~~ a estabelecer com o produto um tipo de relação pessoal e *atribuir a ele um valor simbólico*.

O valor simbólico é um elemento constante no discurso publicitário, pois é através dele que são tecidas as relações entre produto e consumidor, é através dele que o produto desperta em nós algo tão subjetivo como o desejo: o desejo de ter, o desejo de ser, e de saber. Desse modo, vários artifícios são usados para convencer o consumidor das qualidades e vantagens de determinado produto. Ao utilizar mulheres para divulgar marcas de sabão em pó, ou homens para divulgar marcas de cigarros mais fortes, o discurso publicitário está se apropriando de significados que estão circulando nas relações sociais. Ao mesmo tempo, ele está reafirmando e naturalizando estas mesmas representações por meio de algumas estratégias como, por exemplo, mostrar as mulheres quase sempre dentro de casa, fazendo atividades manuais, ou expondo o corpo como objeto do prazer masculino. Características atribuídas às mulheres também são exploradas, como os significados marcados pela afetividade. Quanto aos homens, estes são mostrados, freqüentemente, relacionados à

força, à determinação; aparecem muito mais em ambiente aberto, próximos da natureza; o ambiente fechado fica restrito ao escritório; o homem é quase sempre visto no exterior, em espaços amplos, sem limites.

Ao utilizar essas estratégias como forma de atingir consumidores, a publicidade está trabalhando a partir do que poderíamos chamar de um currículo cultural que é constituído nas relações sociais e que opera como constituidor destas mesmas relações. Tal currículo cultural faz parte de uma pedagogia específica que é composta por um repertório de significados que, por sua vez, constroem e constituem identidades culturais hegemônicas. Pelas imagens publicitárias, podemos observar como as relações de gênero estão sendo vistas por determinada sociedade; ou seja, quais são os significados mais ligados às mulheres e aos homens ou quais os significantes mais diretamente relacionados aos comportamentos masculinos e femininos desejados socialmente.

Na disposição em vender determinada idéia ou produto, é tida uma pedagogia que narra o sujeito como independente e livre para escolher, ao mesmo tempo em que opera com mecanismos de (auto)controle e de (auto)regulação, normatizando as relações sociais e materializando-as através das imagens. Os carros utilitários, por exemplo, aparecem freqüentemente dirigidos por homens; a exceção é quando a mulher está indo levar os filhos à escola: nesse momento ela precisa de um carro grande, não para vencer obstáculos de um *rally*, mas sim, para carregar a prole ou, ainda, para fazer compras. Importante não esquecer que o discurso publicitário não é autônomo, mas não tem vida própria: quando a publicidade fala também nós estamos falando. A publicidade está inserida na cultura e não fora dela, de modo a observá-la de um lugar distanciado para, aí sim, ser elaborada.

Ainda assim, apesar de todo o arsenal de imagens e palavras utilizadas, nada garante que a mensagem publicitária comporte uma leitura única. Os signos podem ser apreendidos de formas diferentes, e é essa possibilidade que nos permite fazer uma leitura crítica da forma como imagens publicitárias são construídas no que diz respeito às representações de gênero sexuais, das diversas formas de lidar com o corpo, considerando o conjunto de significantes aí presentes.

De modo algum pode-se entender que a forma pela qual o corpo está presente na publicidade é detalhadamente planejada para garantir a manutenção da ordem existente nas relações de consumo. O que existe é uma certa naturalização de

comportamentos que estão nas imagens, tais como construídas pelos sujeitos sociais. E é através dessa semelhança que nos reconhecemos e compreendemos o que a publicidade esta nos dizendo. São códigos culturais que nos constituem e que são constitutivos das identidades culturais, é através deles que olhamos outra pessoa e identificamos nela marcas de diferenças ou de semelhanças.

Em suma, a publicidade é usada para manter acesa a chama do consumismo, através dela, identificamos e interiorizamos como devemos nos vestir, comer, agir e até mesmo pensar.

CAPÍTULO 2 – MÍDIA, CORPO E EDUCAÇÃO

O corpo está interagindo a todo momento com o outro (família, amigos, companheiro, etc.) e também é relevante a sua intrínseca relação com os meios de comunicação (televisão, internet, rádio, revistas, jornais), ou seja, com a mídia de um modo geral, bem como seus modelos idealizados que apresenta de forma sedutora. Além do papel social definido em feminino e masculino, as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos não só enquanto sexo genital, mas igualmente moldando-os e sujeitando-se a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas na mídia. Essas representações sociais são consideradas como uma forma de construção social da realidade cuja mediação atravessa e constitui as práticas através das quais se expressam. (Referências)

As artes, as ciências, as tecnologias e a mídia de um modo geral como o cinema, a TV, a música e revista, são considerados instâncias de produção do corpo porque desenvolve uma pedagogia voltada para a educação dos corpos de homens e mulheres, de jovens e velhos, de brancos e negros. Estes preocupam-se em ensinar modos mais adequados de viver a vida. Entendendo que estas instâncias educam, disciplinam e regulam os corpos como qualquer outra instância educativa, por isso são percebidas como pedagogias culturais.

Os ensinamentos produzidos pelas instâncias midiáticas conformam determinados tipos de corpo como ideais. Assim, as pessoas passam pela a vida inteira tentando alcançar este corpo modelo, mas ele sempre escapa porque nunca é o mesmo. As representações em torno dele alteram-se, modificam-se de acordo com referenciais históricos e culturais. Do mesmo modo, os conhecimentos que a mídia apresenta como verdadeiros são modificados de acordo com interesses econômicos, políticos e sociais.

Nos últimos anos o “culto ao corpo” tornou-se uma preocupação geral que atinge as mais diferentes classes sociais, faixas etárias e setores da sociedade em geral. Revistas e jornais dedicam cada vez mais espaço para as novidades no setor de cosmético, alimentação e cirurgia plástica. Na televisão, modelos perfeitos surgem durante toda programação e nos intervalos comerciais, “vendendo” fórmulas de sucesso.

A imagem da juventude associada ao corpo perfeito e ideal - que envolve as noções de saúde, vitalidade, dinamismo e, acima de tudo, beleza - atravessa, contemporaneamente, os diferentes gêneros, todas as faixas etárias e classes sociais,

perpassando e compondo, de maneira diferenciada, diversos estilos de vida. E a fábrica de imagens - cinema, tv e publicidade - tem, certamente, contribuído para isso. A associação entre a produção de imagens corporais pela mídia (com destaque para o cinema e a televisão) e a percepção dos corpos/construção de auto-imagem, por parte dos indivíduos, é imediata.

Atualmente ao ligar a televisão ou folhear revista ou jornal, vê-se garotas perfeitas com curvas delineadas e garotos de porte atlético tentando vender um carro, um eletrodoméstico, um tênis, estabelecendo os padrões estéticos. Isso faz com que as pessoas tornem-se escravas de um ideal, ressaltando o narcisismo e impondo para si mesmas uma disciplina extremamente severa, por vezes dolorosa. E para manter ou transformar este corpo, o indivíduo dispõe de infinitos artificios como cremes, massagens, choques, bandagens, fornos, plásticas e etc. A sociedade contemporânea, ao valorizar a magreza, transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo.

Nas academias, verdadeiras “shoppings do corpo”, mesclam-se homens e mulheres que se envolvem em diversificadas práticas corporais com o intuito de entrar em forma, que representa um estado corporal idealizado, do ponto de vista visual, estético. Mas não é só a busca pela boa forma que motiva tal público. Conseguir um enlace afetivo ou exibir um corpo irretocável (aqueles já possuidores de um) também são opções consideradas pelos distintos frequentadores, que costumam destinar muitas horas de seus dias para gastar em tais espaços, e cada vez mais a mídia indica esses locais como espaços quase que obrigatórios para serem aceitos na sociedade. Em um momento como a adolescência, quando regras e conceitos são questionados ou valorizados ao extremo, a excessiva preocupação com o corpo pode causar desvios. O uso de anabolizantes pelos rapazes nas academias e a ditadura das dietas aceita pelas meninas são alguns dos exemplos mais comuns

A fixação da propaganda na figura erotizada se materializa a todo instante diante de nossos olhos. Há sempre um corpo escultural servindo como “isca” e chamando a atenção do consumidor para a qualidade dos mais variados produtos. Não importa se é cerveja, creme dental, cartão de crédito, automóvel, roupa ou sapato; sensualidade ajuda a vender e consolida a marca. O resultado da fórmula mágica criada pelas agências de publicidade aparece na TV, no rádio, em revistas e jornais, na internet e em outdoors. Assim, a mídia por vezes consegue, através da sedução do seu alvo, conquistar mais espaços na vida social da criança ou do jovem, do que a escola, e toma lugar desta na

transmissão de saberes.

Agimos algumas vezes como se fosse de fato estabelecer uma posição entre corpo e mente, esquecemos ou não percebemos que não apenas a mente do educando toma conhecimento dos fatos que a circundam, mas também seus corpos igualmente, pois estas aprendizagens não ocorrem apenas no espaço escolar. O corpo, não somente o infantil está em constante aprendizado e interação com o outro, família, o grupo de amizade, o amoroso, este outro pode materializar-se através da televisão dos livros, da Internet, das revistas, enfim da mídia de um modo em geral e dos modelos idealizados que apresentam.

É possível dizer que a mídia, na cultura contemporânea, é formadora dos sujeitos sociais, ditando moldes de um corpo educado, saudável, decente, moderno e bonito. Estudos mostram que em decorrência dos modelos corporais que o ser humano é dotado, ele acaba por ocupar na sociedade, posições sociais diferenciadas, nos permitindo examinar as intrínsecas relações de poder que mantém e sustentam essas posições. De acordo com Foucault, ^(amo) o corpo está inserido em um campo político, onde as relações de poder atingem-no quase que imediatamente, e a mídia usa a seu favor para apresentar e ditar ao povo, que são sempre impulsionados a seguir esses modelos. Valoriza-se o corpo mais jovem, com músculos definidos, vigorosos, harmoniosos. Com isso, esculpa-se o corpo através de exercícios e aparelhos, para que se aproxime o máximo possível do ideal de beleza valorizado pela sociedade, ou seja, com uma função puramente estética.

Muitos dos consumidores da mídia não possuem clara noção sobre o impacto que ela exerce sobre eles. Não há suficiente esclarecimento acerca da influência da mídia, o que dificulta a seleção da informação. A maioria dos consumidores acredita que está adquirindo informação, quando na verdade está comprando ideologia. Isto porque, não existe educação para a crítica à mídia, o que facilitaria o processo individual de seleção.

A preocupação excessiva com a estética e a supervalorização do corpo são marcas profundas da pós-modernidade. Por um ditame capitalista, o corpo tornou-se produto comercializável e fonte de renda, altamente explorável enquanto imagem e mensagem lucrativa. Na sociedade do consumo, o corpo é também mercadoria, logo, percebe-se acentuado redirecionamento de valores morais.

Essa sociedade que hoje podemos classificá-la com^o excludente, mede a importância do indivíduo por sua utilidade e tempo de produção. E somando-se a questão econômica a questão psicossocial, temos um elevado número de problemas psicológicos,

decorrentes da baixa auto-estima causada pelo sentido de não-utilidade, pois aquele indivíduo que por algum motivo não atender às expectativas de mercado, é caracterizado por essa sociedade como *inútil*, proporcionado um desconforto, o ser humano tende a desenvolver problemas psicológicos, como a depressão, que hoje já é considerada por alguns estudiosos como o “mal do século”.

Sentimentos de baixa auto-estima correm paralelos à constante insatisfação com a forma corporal, ou seja, a auto-estima necessita da eficiência de seus métodos para alcançar o corpo desejado. Tudo funciona como se os outros valores pessoais não existissem ou fossem secundários, pois só conseguem se sentir socialmente aceitos se estiverem dentro dos padrões desejados pela sociedade (AZEVEDO & ABUCHAIM, 1998, p. 35)

O grande volume de informações, nas quais o corpo aparece como principal objeto de investimento narcisista, podem ser consideradas positivas, quando relacionadas às atividades físicas, à boa alimentação e a uma vida mais saudável. Em contrapartida, pode ser prejudicial na medida em que a sociedade, principalmente os adolescentes, na busca incessante pelo corpo perfeito, se submetem cada vez mais cedo aos implantes de silicone, lipoaspiração e dietas milagrosas desnecessárias. Percebe-se que diversas pedagogias atuam no meio social e ensina aos corpos os modos de se comportar e de se relacionar com as coisas do mundo, portanto não é somente a escola responsável pela educação e inspiradora de modelos, pois “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar que exista a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades” (GIROUX, 1997, p. 74).

A mídia bombardeia informações dando dicas, ou até mesmo ditando, a maneira que o ser humano deve se relacionar com o mundo, informações estas que pretendem ser verdadeiras e universais, como as revistas voltadas para o público feminino, ensinam técnicas de como lidar com o corpo, elas se utilizam de artefatos pedagógicos, repetindo como receitas e dicas para atingirem os modelos equivalentes ao reproduzido pela mídia, como “ideal”. É possível encontrar nesses diversos tipos de revistas, as maneiras como as meninas devem se portar à mesa, a maneira de exercitarem os corpos, até a maneira de controlarem seu comportamento, de confessarem seus segredos de falarem de sua intimidade, etc, tecendo assim identidades. De um modo geral, as artes, as ciências, a tecnologia e a mídia, de alguma forma educam, disciplinam e regulam os corpos na sociedade contemporânea, sendo a mídia muito presente nesse processo, como confirma Santaella (2004, p.126):

São, de fato, as representações nas mídias e publicidade que têm o mais

profundo efeito sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências corporais, nas formas de sonhar e de desejar que propõem.

A construção e a negociação das diferentes identidades, passam hoje, pelo corpo e são associados ao consumo, alimentando um mercado milionário que cresce incrivelmente a cada dia, junto com a obsessão pelo corpo belo, malhado, saudável. Observa-se um desejo coletivo de aquisição de produtos de beleza, induzido pela mídia, que torna o consumidor alienado no sentido de consumir sem refletir sua real necessidade e de sua condição de compra. O interesse de um grande número de pessoas pela saúde, práticas de exercícios, dietas e cuidados com o processo de envelhecimento vincula-se a um ideal de beleza que propõe um corpo delgado reforçado ao ponto de produzir o seu contrário, a doença. Com isso as identidades moldadas a partir de um dado referencial de corpo, não são eternas como nenhuma identidade o é, mas aqui o que as torna transitórias é também a transitoriedade dos corpos sua fluidez e inconstância, seu perfil efêmero.

No século XX, observa-se uma maior preocupação com a beleza, evoluindo para uma ditadura da “boa forma” ou do “corpo perfeito” que é cruel, pois cria-se um vazio, ou até mesmo uma exclusão aqueles que não possuem condições financeiras e nem psicológicas para atingirem esses modelos. Assim encontra-se um maior número de pessoas com sintomas de depressão, quadros de anorexia por não conseguirem “estar na moda”. Essa mesma publicidade que vende a moda, não está realmente preocupada com o bem-estar social, porque se visa exclusivamente o lucro e as formas de expandir a indústria da moda. Como Castro^(2002 ou 2003?) nos mostra, “na contemporaneidade, presenciamos a tendência à supervalorização da aparência o que leva os indivíduos a uma busca frenética pela forma e volumes corporais ideais”^(p.--). Busca essa que, para alguns se torna impossível alcançar e podendo acarretar problemas psicológicos, pois ele vai ficar “fora” dos padrões vigentes para essa época, podendo sofrer um processo de exclusão dentro de determinadas instâncias sociais.

Ainda no século XX o termo dieta é associado pela primeira vez à idéia de emagrecimento, de alta regulação, de alta disciplina. Com essa preocupação, diz Anthony Giddens (2002, p.62) “o corpo torna-se um foco de poder disciplinar”. Mas que isso, torna-se um portador visível da alta identidade estando cada vez mais integrado nas decisões individuais do estilo de vida. Nos dias atuais, todas as pessoas de um modo geral fazem algum tipo de dieta para emagrecer (tendo em vista a variedade de dietas com esse fim) para engordar, para diminuir o colesterol, para aumentar a massa muscular ou para

controlar a pressão arterial. Para Giddens, ⁽²⁰⁰²⁾ a introdução da dieta no cotidiano das pessoas seja para fins estéticos para manutenção da saúde, ou ambos, está ligado à introdução de uma ciência da nutrição e portanto ao Poder disciplinar no sentido de Foucault; mas também situa a responsabilidade pelo desenvolvimento e pela aparência do corpo diretamente nas mãos de do seu proprietário; junto a esse poder disciplinar, esse investimento do indivíduo sobre seu corpo através das dietas, cresce a oferta de produtos no mercado alimentício. Assim como cresce o número de livros de receitas, de especialidades médicas e de guias e manuais, sempre atento às ofertas de produtos industrializados para auxiliar os sujeitos a fazerem escolhas mais adequadas.

Para Castro ^(anos) a imagem cinematográfica do século XX interferiu significativamente na formulação de um novo ideal físico, pois nesse período as mulheres, sob o impacto combinado das indústrias do cosmético, da moda, da publicidade e de Hollywood, incorporam o uso da maquiagem, principalmente do batom, no seu cotidiano e passam a valorizar o corpo esbelto e esguio, ^{que} Que pode ser confirmado no trecho abaixo:

O cinema de Hollywood ajudou a criar novos padrões de aparência e apresentação físicas, levando a um público massivo a importância do "looking good". Hollywood difundiu novos valores da cultura de consumo e projetou imagens de estilos de vida glamourosos para o mundo inteiro. As estrelas de cinema ajudaram a conformar um ideal de perfeição física, introduzindo novos tipos de maquiagem, cuidados com cabelos, técnicas para corrigir imperfeições. (CASTRO, 2003, p. 74)

A mídia torna que a palavra de ordem como o corpo belo, forte, jovem, veloz, preciso, perfeito é o "sonho" almejado por todos. A partir desse conceito, desenvolve o narcisismo que é a expressão máxima do culto ao corpo. Entende-se culto ao corpo assim como Castro (2003, p.15) nos mostra, como um "tipo de relação dos indivíduos com seus corpos que tem como preocupação básica seu modelamento a fim de aproximá-lo o mais possível do padrão de beleza estabelecido". A construção do corpo de forma tão intensa envolve desde a prática de atividades físicas descontroladas até as cirurgias plásticas, passando pela dietas com ou sem respaldo médicos, o uso de cosméticos, e tudo que é dito hoje que promete a aproximação de um corpo perfeito.

O ser humano se vê frente a frente com o infinito e com o incerto, ^{isto} Isto apavora não só porque o ser tem que aprender a viver na incerteza como também lhe oferece um grande desafio; a responsabilidade de ser sujeito de sua realidade. Os modelos estão em constantes mudanças; assim o homem é obrigado a correr em direção à moda,

para se adequar aos moldes impostos e reproduzidos pela mídia, que atende a uma demanda do capitalismo que precisa sempre se renovar para garantir o bom funcionamento do mercado.

O desenvolvimento da televisão e do cinema muito contribuiu com a instauração e divulgação dos cuidados com o corpo. Ao colocarem suas imagens (estrelas de cinema com sorriso branco e cabelos brilhantes anunciando creme dental e xampu), esses profissionais colocavam em jogo novas práticas, difundiam uma nova maneira de lidar com o próprio corpo e um novo conceito de higiene.

Pode-se concluir dizendo que os discursos das revistas femininas estão envoltos em relações de poder, poder de regular as condutas, de dizer como agir, o que comer, que atividades físicas praticar, em que horário e local, que roupas estão na moda, etc. Esses discursos produzem

[...] subjetividades que aprendem o desejo de aprender (ser bela, a estar na moda, a ser sensual, a ser “uma pequena mulher” [quem sabe uma grande mulher] e, ao mesmo tempo a saber se comportar em qualquer situação e a se conduzir moralmente). [...] Essa máquina produtiva de desejos, que inclui a família, a escola, a mídia, a religião, etc., perpassa, atualmente, todos os segmentos da população [...] (Andrad *apud* Dornelles, 2002, p. 2)

2.1 – A erotização dos corpos infantis na mídia e seus reflexos na educação

Significativas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas principalmente a partir do século XVIII em relação aos conceitos de infância e sua respectiva educação, família, instituições educativas, em combinação com o acesso infantil a informações sobre o mundo adulto, especialmente com o surgimento de novas tecnologias nas últimas décadas, com os meios de comunicação em massa e a Internet, têm mudado drasticamente as vivências infantis, acarretando o que alguns autores e autoras têm chamado de crise da infância contemporânea ou até mesmo, o seu desaparecimento. (Postman, 1999; Steinberg, 2001; Corazza, 2002; Bujes, 2003).

Procuro problematizar o conceito de infância articulado às questões de gênero e sexualidade, tendo como marco teórico a abordagem pós-estruturalistas de análise, em especial as contribuições de Michel Foucault (1992) sobre relações de poder-saber e o governo dos corpos. Busco analisar como as Pedagogias Culturais têm sido acionadas em suas diversas instâncias contribuindo para a formação de meninos e meninas, especialmente no que se refere às identidades de gênero e identidades sexuais.

O corpo, tal como a vida está em constante mutação. As aparências físicas demonstram de modo exemplar esta tendência: elas nunca estão prontas, embora jamais estejam no rascunho. Cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história (SANT'ANNA, 2000, p.50).

Segundo Neckel,⁽¹⁹⁹⁶⁾ ao longo da história e nas mais diferentes culturas, o corpo tem sido pensado, construído, investido, produzido de diversas formas. Vários campos de conhecimento têm tomado para si, através de *experts*, a tarefa de falar sobre ele, descrevê-lo, conceituá-lo, atribuir-lhe sentido, ditar regras de modo a normatizá-lo. Por outro lado, não podemos deixar de considerar que o corpo tem sido dividido e demarcado através das expectativas que se coloca sobre ele, conferindo maior ou menor *status*, especialmente quando se trata de defini-lo e situá-lo em função do sexo. Corpos masculinos e femininos e até mesmo infantis não têm sido percebidos e valorizados da mesma forma. Há uma tendência a hierarquizá-los, a partir de suas diferenciações mais visíveis e invisíveis. Em nossa cultura os corpos constituem-se no abrigo de nossas identidades sejam elas: de gênero, de sexualidade ou de raça.

Para Mary Del Priori, a construção social de uma identidade feminina está calcado nos dias atuais quase que exclusivamente na montagem e escultura desse novo corpo, que é um corpo cirúrgico, esculpido, fabricado e produzido, corpo que é centro das atenções e fetiche de consumo midiático. Tal preocupação tem atingido não só as mulheres, mas também as meninas, pois é comum observarmos desde muito cedo em suas falas e comportamentos uma grande preocupação com a aparência. *“Recentemente uma menina de seis anos disse a sua mãe que gostaria de comer apenas alface para não correr o risco de engordar. Outra menina de apenas dois anos recusou-se a colocar o casaco para não parecer gorda”* (DEL PRIORI, 2000, p.96). O constante apelo à beleza, que se expressa através de um corpo magro e jovem, que para se manter dentro desses padrões, precisa cada vez mais se submeter cada vez mais a sacrifícios e cuidados, tem encontrado acolhida não só entre mulheres mais maduras e também, principalmente, entre as jovens e meninas. Elas freqüentam cada vez mais cedo as academias de ginástica, se submetem as cirurgias plásticas, fazem dietas, estabelecem pactos entre as amigas como exemplo ficar até dois meses sem tomar refrigerante, tudo em nome da beleza. Se observarmos as propagandas de brinquedos dirigidas às meninas, veremos que elas investem de forma importante nas idéias de cultivo a beleza como algo inerente ao feminino, aliada sempre ao supérfluo, ao consumo desenfreado, ou seja, não basta ter apenas a boneca tal, é preciso ter todos os modelos e variações da mesma boneca e seus

respectivos acessórios. Outros itens se somam aos brinquedos, tais como produtos de maquiagem, roupas e calçados, perfumes e etc, na tentativa de reafirmar a beleza e a vaidade como algo natural (NECKEL, 1999).

De acordo com Shirley Steinberg, as crianças foram descobertas como consumidoras em potencial a partir da década de 50 do século XX, com o surgimento de novas tecnologias produzidas após a segunda guerra mundial. Desde então, uma série de produtos tem sido direcionada para elas nos mais variados segmentos (indústria de brinquedos e entretenimento em geral vestuários, calçados, acessórios, produtos de higiene e limpeza – fraldas, cremes, xampus -, alimentos, móveis, revistas e livros, dentre outros). Além disso, é possível observar que os espaços têm sido planejados para contemplar esse segmento da população; como exemplo temos supermercados e shoppings que já dispõem de um lugar específico para as crianças ficarem enquanto os pais vão às compras.

Com o surgimento dos veículos de comunicação em massa, em especial a TV, as crianças passaram a ser vistas como pequenos consumidores e a cada dia são alvos constantes de propagandas. Ao mesmo tempo em que elas têm sido vistas como veículo de consumo, é cada vez mais presente a idéia da infância como objeto a ser apreciado, desejado, exaltado, numa espécie “de pedofilização” generalizada da sociedade. Tatiana Landin^(Werner e ?) chama atenção para o fato de haver uma “erótica infantil”, isto é, uma erotização da imagem da criança amplamente veiculada pela mídia. Não é difícil encontrar propaganda e anúncios onde a criança é mostrada em pose sensual ou em contexto de sedução. Ao mesmo tempo em que se condena qualquer tipo de relação sexual envolvendo um adulto e uma criança, como sendo a forma mais terrível de violência sexual, vive-se em uma cultura que produz constantemente imagem erotizada das crianças, em especial das meninas.

Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, dos jornais, das revistas, das propagandas, dos outdoors e mais recentemente, pela Internet tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e sexualidade. Tal processo de erotização tem produzido efeitos significativos na construção das identidades de gênero e identidades sexuais das crianças, especialmente com relação às meninas, como apontou Valerie Walkerdine⁽²⁰⁰²⁾. Segundo ela, garotinhas atraentes e altamente erotizadas têm sido viabilizadas em propagandas, cujas imagens têm mais similaridade com imagens provenientes da pornografia infantil do que com imagens psicoeducacionais.

A descoberta da sexualidade infantil data dos estudos de Freud. No entanto, quando observamos a presença das musas da televisão nas brincadeiras infantis, não podemos deixar de observar que alguma coisa está fora de lugar. Trata-se, certamente, de uma inclusão signos do universo adulto no mundo da criança. Ao mesmo tempo e inversamente, elementos do universo infantil têm entrado nas brincadeiras para adultos, conforme observa-se principalmente no conteúdo das músicas e danças de axé e pagode. Esses "ritmos" aproximam-se das canções infantis: letras fáceis, repetitivas, dança por imitação quase onomatopéica. Para seus defensores, trata-se de mero entretenimento. No entanto, sob o título de "pura diversão", muitos valores e conteúdos ideológicos são passados: reduz a mulher a uma parte de sua anatomia, limita o ser humano a sua função sexual, entre outros pontos. E tudo isso é levado às crianças que consomem os produtos da cultura de massa. (Referências)

Também é interessante perceber o quanto vários discursos entorno da sexualidade permeiam o ambiente escolar levando para o seu interior característica da erotização infantil e permeada em roupas, danças, costumes e discursos e entre outros. É comum observar nas escolas, crianças, principalmente meninas, maquiadas e com roupas que exaltam e valorizam as formas do corpo. Já entre os meninos é comum observarmos a manipulação de revistas pornográficas, músicas erotizadas como letras de axé, funk e etc. *em tons*

A criança é exposta aos meios de comunicação de massa e recebe um tipo de representação simbólica que reflete na continuação de papéis instituídos na sociedade. Nos programas de auditório geralmente nos fins de semana, como **Domingão do Faustão** na Rede Globo e **Domingo Legal** no SBT, apresentam a mulher como elemento sedutor, onde elas *aparecem quase nuas e estão sempre sorrindo e felizes*. Nos programas infantis, as crianças formam componentes de cena e figuração com comportamentos estereotipados. Recentemente, o **Programa Raul Gil** – tradicional, de forte apelo, popular que vai ao ar aos sábados à tarde pela Rede Record de Televisão – passou a promover um concurso no qual crianças de todas as idades dublam o conjunto "É o Tchan!". Esse conjunto *dedica-se exclusivamente a produzir músicas de duplo sentido e repetem à exaustão clichês sobre a anatomia feminina*.

A moda é adotada aparentemente de forma muito natural pelas crianças. Tanto que tem-se a falsa impressão de que o corpo infantil estaria isento das conseqüências do processo de construção das imagens de beleza da mulher, que tem levado a um *desnudamento progressivo do corpo feminino, colocando em cheque de certa forma "a garantia do que culturalmente foi colado à imagem da mulher: a retidão do seu*

comportamento, a pureza da sua alma e a beleza de seu corpo” (GOELLNER, 2003, p. 51). A grande oferta de produtos infantis ligados a personagens de imagem erotizada, como a Feiticeira e Carla Perez, pode fazer acreditar que esses modelos, quando aplicados à infância, perderiam seu valor socialmente “negativo”. Uma explicação para esse fenômeno se encontra facilmente nas teorias de mercado, pois o fascínio que essas personagens exercem sobre o público infantil é manifesto na fabricação e venda de produtos para crianças inspirados nelas: a máscara e o chicotinho da Tiazinha, botinhas e shortinhos da Carla Perez, tamanquinho da Sheila. Mas outra hipótese considera a procura de uma certa legitimação para esses modelos perante a sociedade, pois, se até as crianças usam, porque não os adultos também? Assim, as crianças podem tornar-se vorazes consumidoras de bugigangas da indústria da moda, como brinquedos, roupas, músicas e danças. São produtos que trazem a imagem da mulher coisificada, sugerindo uma erotização vulgar e precoce. Quando produtos erotizados penetram o “universo infantil” sem um filtro, de certa forma se processa a aceleração da mudança da condição de menina-criança para a de menina-mulher. Novas imagens de meninas são visíveis nas roupas insinuantes, no sapato alto, na maquiagem, nas músicas, nas danças-cópula, na linguagem e em outras manifestações da cultura dita pós-moderna (SILVA, 2000).

Como ressalta Luiz Mott, ^(quem é?) ao considerarmos a criança como um ser inocente e indefeso, “aproximá-la dos prazeres eróticos equivaleria a profanar sua própria natureza”, a dessexualização da infância e adolescência ^{cu} impõe-se como valor humano fundamental da civilização judaico-cristã. Freud já afirmava a sexualização como algo natural e presente em nossas vidas desde a infância, o que é possível se observar quando ele trata da sexualidade infantil. Dentre as práticas sexuais mais repelidas pela sociedade ocidental contemporânea, a pedofilia e pederastia também conhecida efebofilia, que consiste na relação sexual de adultos e adolescentes.

A tentativa de dessexualizar as crianças é um fenômeno recente na história ocidental, pois até meados do século XVII meninos e meninas conviviam com o mundo adulto em todas as suas nuances. Em outras sociedades, como na Grécia Antiga, a relação sexual entre adultos e jovens fazia parte de um processo pedagógico. Na Índia Antiga, a casta dos Nayar estimulava experiências sexuais de meninas antes mesmo da primeira menstruação. Sabe-se também que uma das esposas de Maomé tinha apenas 8 anos quando se casou com ele, já com 53 anos. Durante a Idade Média e o Renascimento, o ideal de beleza feminina estava calcado em atributos tipicamente característicos da infância daquela época, tais como: cabelos longos e loiros, maçãs do rosto saliente e uma

atitude displicente. Vale lembrar que grande parte das mulheres contraía núpcias muito jovens em geral com homens bem mais velhos. Provavelmente, muitas de nossas avós e bisavós, casaram ainda muito meninas. Portanto, as práticas sexuais entre crianças e adultos foram durante muito tempo e em diversas culturas, toleradas e até mesmo estimuladas.

Práticas até então vistas como naturais e comuns foram consideradas como problemáticas, necessitando, portanto, de um controle minucioso através de tratamento e até mesmo de punições. Era preciso governar os corpos e uma das principais características modernas de governo e a sua vinculação e dependência há determinadas formas de conhecimento sobre a população a ser governada. Como trata Tomás Tadeu da Silva:

As modernas formas de governo da conduta humana dependem, assim, de formas de saber que definem e determinam quais condutas podem e devem ser governadas, que circunscrevem aquilo que pode ser pensado sobre essas condutas e que prescrevem os melhores meios para torná-las governáveis. O controle externo da conduta – aquilo que Foucault chamou de “tecnologia da dominação” – combina-se com auto controle – aquilo que Foucault chamou de “tecnologia do eu” – para produzir o sujeito autogovernável das sociedades modernas. A produção desse sujeito autogovernável é precisamente objetivo da ação de instituições como a educação (o currículo), a igreja, os meios de comunicação de massa as instituições de “terapia” ... Se para governar é preciso conhecer os indivíduos a serem governados, para autogovernar-se é necessário conhecer-se a si próprio. (SILVA, 1999, p. 25)

É mais do que óbvio que a escola desempenhou um papel importante nas transformações que levaram a sociedade da soberania para a sociedade estatal. Não é demais insistir que mais do que qualquer outra instituição, a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares engendrando novas subjetividades e com isso cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna. A escola foi sendo concebida e montada como a grande e (mais recentemente) a mais ampla e universal máquina capaz de fazer dos corpos, objeto do poder disciplinar e assim torná-los dóceis; além do mais a escola é depois da família de seqüestro por qual todos passam (ou deveriam passar) o maior tempo de suas vidas no período da infância e da juventude. Na medida em que a permanência é diária e se estende ao longo de vários anos sendo os efeitos desse processo disciplinar, notáveis. Foi a partir daí que se estabeleceu um tipo muito especial de sociedade a qual Foucault adjetivou de disciplinar. A escola como instituição mantenedora dos interesses do governo serve para afirmar e manter viva a

Redação
confusa

visão de copo útil, que serve a determinado fim, no geral econômico.

Em muitas regiões pobres do Brasil, bem como em outros países com populações miseráveis, é possível se constatar que famílias costumam oferecer suas crianças especialmente as meninas em troca de algum dinheiro.

2.2 – A questão do corpo nos PCN (*Parâmetros Curriculares Nacionais*)

O corpo é um dos temas abordados nos *PCN*, que trata da questão da compreensão da abordagem proposta no trabalho de Orientação Sexual, que deve-se a distinção entre os conceitos de organismo e corpo. Ele define como organismo ao que se refere ao aparato herdado e constitucional, a infra-estrutura básica biológica dos seres humanos. Já o conceito de corpo diz respeito às possibilidades de apropriação subjetiva de toda experiência na interação com o meio. O organismo atravessado pela inteligência e desejo, que se mostrarão num corpo. (*PCN*, Vol. 10, 2001, p.139). No conceito de corpo, então, encontram-se embutidas as dimensões da aprendizagem e todas as potencialidades do indivíduo para a apropriação das suas vivências.

De acordo com o proposto, a partir dessa diferenciação, vê-se que a abordagem sobre corpo deve ir além das informações sobre sua anatomia e funcionamento, pois os órgãos não existiriam fora de um corpo que pulsa e sente. O corpo é concebido como um todo integrado, de sistemas interligados e inclui emoções, sentimentos, *sensações de prazer e desprazer*, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Há que se considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social.

Desta forma, os PCNs buscam a construção de noções, imagens, conceitos e valores a respeito do corpo em que esteja incluída a sexualidade como algo inerente, saudável, necessária e desejável da vida humana. As idéias e concepções veiculadas pelas diferentes áreas (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física) contribuí^{em} para construção dessa visão do corpo por meio da explicitação das dimensões da sexualidade nos seus conteúdos.

Em Ciências, ao ser abordado o corpo (infantil e adulto, do homem e da mulher) e suas anatomias interna e externa, é importante incluir o fato de que os sentimentos, as emoções e o pensamento se produzem a

partir do corpo e se expressam nele, marcando-o e constituindo o que é cada pessoa. A integração entre as dimensões físicas, emocionais, cognitivas e sensíveis, cada uma se expressando e interferindo na outra, necessita ser explicitada no estudo do corpo humano, para que não se reproduza a sua concepção de conjunto fragmentado de partes. Com o mesmo cuidado devem necessariamente ser abordados as transformações do corpo que ocorrem na puberdade, os mecanismos da concepção, gravidez e parto, assim como a existência de diferentes métodos contraceptivos e sua ação no corpo do homem e da mulher. Todos esses itens são trabalhados de forma que, ao mesmo tempo, que se referem a processos corporais individuais de uma pessoa, se possa pensar sobre eles também na relação com outras pessoas, enfatizando o aspecto dos vínculos estabelecidos ao longo de toda a vida. (PCNs, v. 10, 2001, p.140-141)

Dessa forma o PCN mostra como podem ser trabalhadas questões fundamentais ligadas à sexualidade, como gostar e cuidar do corpo que se tem respeitá-lo tanto no aspecto físico como psicológico. O respeito a si próprio, ao seu corpo e aos seus sentimentos é a base para haver possibilidade de um relacionamento saudável com o outro. O questionamento da imposição de certos padrões de beleza veiculados pela mídia, principalmente a propaganda, se faz pertinente na medida em que interferem na auto-imagem das crianças e jovens. Muitos são os problemas psicológicos devido à ditadura do corpo belo. A escola não pode permitir a reprodução dessa visão do corpo como algo a se moldado de acordo com padrões de beleza estabelecidos pela sociedade capitalista.

O conhecimento do corpo propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações não só curativas, mas também preventivas. A escola deve, então, atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região.

A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde. A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis. O trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis AIDS possibilita oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção das doenças. Deve também combater a discriminação que atinge portadores do HIV e doentes de AIDS de forma a contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens. (PCN, v. 10, p.140)

A partir dessas citações pode-se concluir que os PCNs têm mesmo o objetivo de controlar e um dos objetos de seu controle, um dos mais importantes, é o corpo, assim como demonstra Foucault que as técnicas essenciais disciplinares se

generalizaram facilmente como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro, técnicas estas, minuciosas, que definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo para, assim, controlar a sociedade. O controle sobre o corpo é realizado nos PCNs com as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis). O papel do professor, como é designado acima, é intervir e mostrar o lado bom e o lado ruim, ou o certo e errado, para que os alunos saibam o que é permitido fazer na sociedade e o que é proibido, não só dentro da escola como define os PCNs em um dos trechos acima citados. Nos PCNs é demonstrada a *necessidade de não só falar do corpo biológico, mas as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo.*

A vontade de saber sobre a sexualidade se torna peça fundamental de controle disciplinar do corpo e da população; como uma das peças fundamentais da vontade de saber aparece a escola, que acaba cumprindo o ritual do exercício de técnicas sociais que se *configuram como tecnologias de poder, manipulando o corpo humano através de todo um aparato disciplinar e impondo-lhe docilidade e utilidade, liberar para controlar. A coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é o exercício.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade dita normas em relação ao corpo. Determina qual é o corpo feio e o corpo bonito. Este padrão é afetado pela religião, profissão, classe social, etc. Frequentemente, nas salas de aula enfrentamos certas situações como o preconceito do grupo, por exemplo, o aluno gordinho que não é aceito no time porque carrega o estigma de ser mais lento; a menina que não é aceita no grupo dos meninos por acreditarem ser mais frágil ou não ter muita força.

Existe uma tendência do professor em valorizar os alunos que melhor repetem as técnicas esportivas que ele deseja. Muitas vezes o aluno tem outra experiência de movimento que poderia ser considerada e valorizada nas aulas de Educação Física. O professor deve levar a sua turma a refletir sobre as normas que são impostas pela sociedade. Levá-los a perceber que não deve existir um padrão, pois cada um de nós tem um corpo que é único em cada centímetro, portanto temos nossas limitações que precisam ser respeitadas.

Mas claro que esse entendimento de ser humano tem bases concretas na forma como o homem vem produzindo e reproduzindo a vida. Nesse sentido, o corpo sofre a ação, sofre várias intervenções com a finalidade de adaptá-lo às exigências das formas sociais de organização da produção e da reprodução da vida. Alvo das necessidades produtivas (corpo produtivo), das necessidades sanitárias (corpo "saudável"), das necessidades morais (corpo deserotizado), das necessidades de adaptação e controle social (corpo dócil). O déficit de dignidade do corpo vinha de seu caráter secundário perante a força emancipatória do espírito ou da razão. Mas esse mesmo corpo, assim produzido historicamente, repunha a necessidade da produção de um discurso que o secundarizava, exatamente porque causava um certo mal-estar à cultura dominante. Ele precisa, assim, ser alvo de educação, mesmo porque educação corporal é educação do comportamento que, por sua vez, não é corporal, e sim humano. Educar o comportamento corporal é educar o comportamento humano.

O destaque dado ao corpo humano na sociedade atual, principalmente no universo da moda e publicidade, constitui objeto de constante reflexão e pesquisa. Os padrões estéticos ditados pelo mundo *fashion* vão além da prescrição do que vestir, interferindo na construção social do corpo. Tais padrões, tornando-se pontos de referência, lançam o homem numa procura desenfreada de "espelhos externos", fetiches de uma sociedade de consumo, que possibilitam a construção de uma imagem ideal.

Assim, o homem hoje rende-se a estilos muitas vezes impostos, sendo seduzido pela mídia a “comprar” modelos físicos, distantes da sua realidade. Vive-se um tempo de extremo *inconformismo com o próprio corpo*, a tal ponto que a modificação do físico através de interferências cirúrgicas, implantes e mutilações, que só se tornaram possíveis com o desenvolvimento de alta tecnologia, são ações corriqueiras e banais. A escola tem o dever de interferir nesse processo desenfreado pela estética em primeiro lugar e criar oportunidades aos docentes para que seja possível enxergar uma nova maneira e menos opressora de ver o corpo e de lidar com as diferenças.

Há uma necessidade de se expor em conformidade com os padrões corporais do momento, busca^v sua validação em representações de mitos televisivos e imagens que são efêmeras ao extremo, caracterizando assim a obsolescência do corpo, que passa a estar em constante necessidade de atualização. Essa corrida por padrões cada vez mais distantes e *inatingíveis* gera um imenso vazio que potencializa a eterna insatisfação do homem moderno. Cabe à escola a tentativa de minimizar tais insatisfações, mostrando que o corpo é importante, que devemos cuidar, mas sem exageros, sem colocar a forma acima de tudo, inclusive do intelecto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Maiúscula
Appolinário, A. L. G. Abuchaim & W. Coutinho. **Transtornos Alimentares e Obesidade** (pp. 31-39). Porto Alegre, Artmed, 2000.

Azevedo, A. de M. C., & Abuchaim, A. L. G. **Bulimia nervosa**: Classificação diagnóstica e quadro clínico. São Paulo; Brasiliense, 1998.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – v. 10: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: MEC/FEEF, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUJES, Maria I. E. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Crianças de Manual**. Canoas: ULBRA/PPG-Edu, 2003 (Texto digitado) (Trabalho apresentado no 1º Seminário de Pesquisa Políticas da subjetividade e práticas de diferença em educação, realizado pela Faculdade de Educação/UFPEL, 12-14 mar. 2003).

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo, modernidade e mídia**. Campinas: Unicamp/FAPESP, 2002.

_____. **Culto ao corpo e sociedade**. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2003.

CODO, W. & SENNE, W. **O que é corpo (latria)**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CORAZZA, Sandra M. **Para uma Filosofia do Inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COUTO, E. S. **Corpos modificados. O saudável e o doente na cibercultura**. In: LOURO, G. L. et al. **Corpo gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**. São Paulo: SENAC, 2000.
DORNELLES, Leni Vieira. **Meninas no papel**. Porto Alegre: UFGS, 2002.

EDELMAN, Gerald. **A universe of consciousness, how matter becomes imagination**.
New York: Basic Books, 2000.

ESPÍRITO SANTO, Ruy C. **O renascimento do sagrado na educação**. Campinas:
Papyrus, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **O dialogo sobre os prazeres do sexo. *Theatrum Philofoficum*: O dialogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx. *Theatrum Philofoficum*. 2.ed. São Paulo: Landy, 2005.**

GAIARSA, José A. **O que é corpo**. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros passos)

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **O que é Pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane F., GOELLNER, Silvana V. (Org.) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir, Corporeidade e Educação**. Campinas: Papyrus, 1994.

GREINER, Christine. **O Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

HALL, Stuart. Introduction. In: HALL, Stuart. **Representation – Cultural representations and signifying Practices**. London: Sage/The Open University, 1997.

LOURO, Guacira L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, p. 63-75, São Paulo, 1995.

MARCONDES, Filho Ciro. **Televisão - a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974. 2 vol.

NECKEL, Jane Felipe. **Construindo Identidades Sexuais na Educação Infantil**. Porto Alegre: Páeol, 1999.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem**. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Descobrir o corpo: Uma história sem fim. **Revista Educação e Realidade**, V. 25, p. 49-58. Porto Alegre, 2000.

SILVA, A. M. **Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional**. In: **Cadernos Cedes**, nº 48 Corpo e Educação. 2ed. Campinas: CEDES, 2000.

SILVA, Tomaz T. Da (org.) **Alienígenas na sala de aula – Uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **O Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STEINBERG, Shirley R. Sem segredos – Cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirely R. e KINCHELOE, Joe. **Cultura Infantil – A construção corporativa da infância.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WALKERDINE, Valérie (1995). O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e Realidade.** V. 20, n.2, jul.-dez., p.207-226. Porto Alegre, 2002.

WILLIAMSON, Judith. **Decoding Advertisements: Ideology and Meaning in Advertising.** London: Marion Boyars, 1994.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : ANA PAULA LOPES MARTINS

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A SUPERVALORIZAÇÃO

DO CORPO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
SOBRE O OVIÉS DA EDUCAÇÃO

ORIENTADOR : VALERIA WILKE

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Maria Elvira Niana Souza

Nota : 9,0

Considerações:

O tema desenvolvido pela aluna é atual e
de muita importância pela forma como a
sociedade - chamada hoje de moderna ou pós-
moderna - ainda lida com as questões sexuais.
A violência física e simbólica que é dada
ou melhor, que é infringida ao corpo da mulher,

não é tão rejeitada quanto se abordam temáticas sexuais importantes como homossexualismo, prazeres femininos etc. Evidentemente que a escola tem um importante papel a cumprir e neste sentido a monografia da Ana Paula é mais um estudo que trará contribuições para se refletir sobre tais temáticas. Em relação à forma, a aluna cometeu alguns equívocos, ou seja, era preciso fazer ainda uma revisão ortográfica e de forma. Vide as páginas 7-8-10-11-12-15-16-17-26-28-30-31-34-35-36-37-43, além de capa e dos sumários.

Segundo avaliador :

Professor orientador : Valeria Cristina Lopes Wilke

Nota: 9,0

Considerações:

O tema escolhido pela aluna é atual e discute a importância da escola em relação às questões ligadas ao corpo. A autora fez uma revisão de literatura que contempla seu tema, o que foi bem discutido e desenvolvido.

Valeria Wilke

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Lúcia Cealho

Nota : 9,0

Considerações:

Apesar de apresentar os principais elementos formais de uma monografia, há problemas de revisão textual.

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	9,0	27,0	9,0

Rio de Janeiro, agosto/2006

Lúcia